

## **Por três vezes na Luanha**

XABIER A. OLARIAGA  
Universidade de Santiago de Compostela

*Recibido:* 24 de setembro de 2007

*Aceptado:* 8 de novembro de 2007

### **I**

Nada mais iniciar a redacção desta breve mas entranhável evocaco na honra pstuma do senlleiro Professor Andrés-Santiago Suárez, rememoro inusitadamente e muito compracido, que na altura aproximada da sua originria viagem estudantil a Santiago de Compostela, “*un día de outubro do ano 1953*” (Suárez, 2001, p. 32), escoitei e pronunciei eu, por vez primeira, o topónimo parroquial da Luanha, incorporado como estava, en tanto que frase feita, ao imaginativo xogo das bolichas que se desenvolvía baixo os soportais, no daquela enlousado Curro de Noia: “*pois agora vs-te para Luanha*”, espetavam agresivamente os rapaces ganhadores da partida correspondente aos seus respeitivos contrincantes.

Assim, tam presuntivamente longe –imaginavamos nós–, deberiam ser extraditados os colegas perdedores. Poderia ser, conxecturo eu, que adaptavamos rutinariamente ao noso lúdico contexto cotidiano a sentena dos nosos maiores –tam reiterada como resolutiva–, destinada *ex professo* a todos aqueles cativos que nada tinham que facer: “*pois agora, mira pra Luaa*” (Suárez, 1979, p. 14). De maneira que para nom haver naquela parrquia (como em tantas outras) e “*naqueles tempos... nin coches nin estradas*” (Suárez, 2001, p. 33), a comunicaco oral, desde o rural até o ámbito vilego, trasladava sem barreiras de entrada significativas a informaco codificada  velocidade própria do progreso tecnológico vigorante.

### **II**

Transcorrida umha dzia de anos aproximadamente, no primeiro lustro da década dos sessenta, e sendo eu estudante de Económicas na Facultade de Bilbao (ainda pertencente  Universidade de Valladolid), na vila basca de Amorebieta-Etxano houven de intentar satisfacer a curiosidade familiar ao ser interrogado a propósito dum afastado lugar galaico denominado Luanha. Surpressiva pergunta a quase mil kilmetros de distância, mas pertinente, pois recordavam os meus parentes mais longevos que o meu avô materno, Capitm da Mercante e Ajudante de Marina na Ria de Muros-Noia, fra generosamente acolhido numha aldeia luanhessa (qual? Goians qui?) durante umha aterecida noite invernal (tempada de caça, ano de 1935), tendo ao seu dispôr, ele mesmo e mais três dos seus fillos, os mais escolhei-

tos leitos de folha de milho, de entre os existentes naquela casa camponessa, amém dum bom pedaço de boroa para acompañar as quatro cuncas de leite recém fervido; cumpre aquí sublinhar que “*eran os tempos nos que aínda se durmía en colchón de follato, sobor dun sobrado de madeira que servía de teito á corte das vacas...*” (Suárez, 2001, p. 33).

Devo confessar que a minha resposta houvo de ser necessàriamente adiada por imprecisa, tam longe ficava a Luanha..., e assim, por mor desse singular motivo, tencionei averiguar *a posteriori* a súa ubicaçom geográfica correcta, cuja literària descriçom leio e transcrevo hoje a partir do punho e letra do Professor Suárez (1979, p. 13): “*Luaña é unha parroquia agrícola e gandeira situada á dereita do kilómetro dazasete da estrada de Santiago a Noia, co val da Barcala á súa espalda, do que o separa o caudaloso río Tambre*”. Tam lonjínqua daquela, tam próxima neste hodierno, mas onde perenemente continua a “*locir o sol ou a lúa durante os longos –e hasta tebrosos– invernos galegos...*” (*Ib., Ib.*).

### III

Transcorridas várias décadas, ano de 1991, no Concelho de Noia, terra de sapateiros:

— *Bó dia, póde-se ...?*, solicitou numha calorosa tarde de verã aquel gentil forasteiro, perceptívemente contrariado, desde o umbral da sapataria do Senhor Busto, sita na Corredoiro de Fora, oficialmente Rua de Luis Cadarso.

— *Faltaria mais ..., e logo..., quê se lhe oferece ao Senhor?*

— *Pois já vê, este meu sapato acava de tronzar em por sí; e o caso é que aquí nom lhe tenho o de reposto. Era-che o que me faltava no meu primeiro dia de vacaçons na minha querida Noia. E vai de seu que me recomendarom o seu bó fazer, Senhor Busto ...*

— *Pois haverá que ponhe-lo a andar..., já vejo..., bem, imos necessitar umha boa hora ..., porquê nom senta mentres eu ponho mãos à obra...?*

A conversa subseguinte foi tam distendida como satisfatória. Sei-no bem, pois assim mo relatou no seu día o Professor Suárez na já desaparecida Casa Pino de Noia, ao mesmo tempo que desfrutavamos dumha cundideira tapa de polvo à feira, na companhia da sua dona:

— *Sabas, Olariaga? Este Busto é muito Busto: é-che um profissional de bandeira; desde aquela já lhe tenho encarregados dous pares de sapatos novos, e à medida nada menos! Nunca tam acomodados estiverom os meus pês..., e, aínda por riba, a parolada entre paisanos assegurada e gratificante. Mais nom se pode pedir...*

E deste jeito, também mo transmitiu, anos mais tarde o Senhor Busto, quando lhe comuniquei o definitivo passamento do Professor Suárez:

— Oes, Olariaga, quanto gosto escoita-lo e que natural interesse demostrava polas cousas que eu lle contava de Noia! “Nada de Dom Andrés”, insistia umha e mais outra vez. “Eu som da Luanha e, como quem di, quase somos vizinhos”. É-che bem certo que chegamos a ter-nos muito respecto e ainda mais apreço um polo outro. Já o primeiro dia que entrou no meu talher e depois daquela conversa que podia ter durado duas horas mais, deixou-me a sua tarxeta: “Já sabes, Busto, estou à tua inteira disposición”. Pois agradecido, Dom Andrés. “Nada de Dom Andrés, Busto, nada de Dom Andrés!”.

Ouso asseverar que os que tivemos a excepcional fortuna de conhecer ao Professor Suárez, sentiriamos-nos extremadamente reconfortados se é que cada um de nós chegáramos a ser merecentes de estarmos incluídos nesta sua declaração tam íntima como pessoal: “En este mundo al que me he asomado, me he encontrado con gente fenomenal”(Suárez, 1997, p. 13).

#### CODA

Nom podo (nem quero) resistir-me a reproducir a última das estrofes integrantes daquelas coplinhas populares luanhessas, que tam sentidas e presentes tiverom que estar durante toda a fecunda e generosa vida do noso bem-querido, insubstituível e chorado Professor e amigo:

“Agora sí que me marchó,  
agora sí que non é conto,  
campaññas da Luaña,  
tocade por min a morto”

(Suárez, 1979, p. 18)

#### REFERÊNCIAS

- SUÁREZ, A. (1979): *Luaña. Mitos, costumes e crencias dunha parroquia galega*. Vigo: Galaxia.
- SUÁREZ, A. (1997): *Economía de la pobreza o la pobreza de la Economía*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- SUÁREZ, A. (2001): *Discurso de Investidura de D. Andrés Santiago Suárez Suárez como Doutor Honoris Causa*. Universidade de Santiago de Compostela.